

11º CONGRESSO GIFE/ FRONTEIRAS DA AÇÃO COLETIVA

EQUIDADE RACIAL

I. CONTEXTO, DESAFIOS & OPORTUNIDADES

- 1. O Brasil está entre os 10 países mais ricos, porém está entre os 10 mais desiguais.** Somos o único país entre os 10 mais ricos com população de maioria negra (57%), de forma que a redução da desigualdade racial está atrelada ao desenvolvimento do país.
- 2. Mais jovens negros morrem em decorrência de violência no Bra-**

sil do que pessoas em guerras e conflitos armados ao redor do mundo, e por isso os movimentos negros e inúmeros cientistas e ativistas afirmam que não há futuro plausível no Brasil sem equidade racial.

- 3. Meninas e mulheres negras estão há muitos anos lutando num esforço visionário para enfrentar a misoginia, o racismo e o patriarcado** mostrando que esses fenômenos existem e resistem.
- 4. No contexto atual, as pessoas negras e periféricas foram as primeiras e mais atingidas pelas diversas dimensões perversas da pandemia,** o que acentua desigualdades e injustiças pré-existentes.
- 5. Dos mais de 900 projetos e programas que aparecem na base de projetos da Plataforma Mosaico, apenas 27 consideram a população negra entre o público-alvo.** São números como estes, somados à baixíssima presença de pessoas negras em posições de liderança nas organizações do ISP (conselhos, diretorias, gerências, etc.) que permitem afirmar que o ISP está fazendo pouco e mal a promoção da equidade.
- 6. Como apontam pesquisadores e ativistas, é preciso reestruturar o pacto social no qual vivemos:** As pessoas super-ricas estão dispostas a ceder parte de seus privilégios em prol de uma sociedade mais equitativa? A filantropia está trabalhando por um mundo onde ela não seja mais necessária?

- 7.** A questão racial tem se agravado. **Desde 2014 a agenda de equidade racial vem perdendo interlocução com o Estado, enquanto tem ganhado espaço no debate público pelo trabalho dos movimentos e por maior sensibilidade da imprensa e do setor privado.**

Em um país que historicamente desqualifica as reivindicações por direitos das populações negras e que segue propagando a falsa tese de democracia racial, avançar é muito difícil.

- 8.** **À luz de tamanhas dificuldades, não é sem razão que muitos afirmam haver certo constrangimento por parte da filantropia em financiar a equidade racial e o antirracismo de modo deliberado e explícito.** Há, portanto, evidente contradição entre a relevância do tema racial e o baixo volume de investimentos da filantropia nesta agenda. Parte da saída pode estar nas tentativas de quebrar as fragilidades da branquitude em relação à questão racial e o pisar em ovos neste tema. A filantropia está convocada à urgência de rever suas estratégias de doação na direção da equidade racial, mas também a composição de suas estruturas. Superar o paradigma da escuta e mover as estruturas é o único modo de evitar que a atual mobilização antirracista não seja apenas uma onda, um movimento transitório e politicamente esvaziado.

EQUIDADE RACIAL

II. PRIORIDADES DOS PRÓXIMOS ANOS PARA FORTALECIMENTO & DESENVOLVIMENTO

- 1. Aumentar a proporção de pessoas negras** e com letramento nas questões raciais dentro das organizações do ISP.
- 2. É preciso investir maciçamente em formação de lideranças e renovação de quadros** aproveitando o aumento da proporção de jovens e professores negros nas universidades. A representação política da população negra precisa ser urgentemente ampliada.
- 3. É sumamente necessário o ISP superar o prolongado esforço de apagamento físico e simbólico das demandas e da história da população negra**, para exercer a escuta ativa e efetiva, além de identificar as reais necessidades de impacto. O ISP precisa se reconhecer como
- parte responsável pela existência e perseverança da desigualdade social e racial no país.
- 4. A equidade racial não pode ser abordada a partir de uma perspectiva fragmentada ou departamentalizada**, uma vez que as causas da desigualdade racial e do racismo são matriciais e estruturais e permeiam toda a vida social no Brasil.
- 5. Por isso é preciso elevar o compromisso com o apoio e financiamento da liderança de mulheres negras por períodos mais longos**, movimentando para isso recursos significativos, de modo a tirar tais organizações da posição marginalizada no mundo.
- 6. O direito de estar vivo deve ser uma das prioridades do combate ao racismo**, frente aos 63 jovens negros que morrem diariamente. O ISP precisa pensar modelos de política pública para impedir esse ciclo de violência.
- 7. É preciso promover uma educação antirracista.**
- 8. É preciso ainda investir em pesquisa acadêmica e produção de conhecimento** de forma sustentável para pesquisadores negros de forma a viabilizar o desenvolvimento de capacidades de lideranças que ocupem espaços de decisão.
- 9. É fundamental que jovens negros e negras possam acessar espaços preponderantemente brancos** nas variadas associações e federações empresariais e neles assumir posições de liderança.

EQUIDADE RACIAL

III. ORIENTADORES

- 1. O ISP precisa olhar para dentro e desenvolver políticas de equidade racial internas e garantir espaço para pessoas negras em seus quadros, ampliando a capacidade de pensar e desenvolver soluções para a questão racial.**
- 2. Gênero e raça precisam ser abordados de forma interseccional, pois se reforçam mutuamente.**
- 3. Os negros não podem mais figurar apenas como beneficiários dos projetos e programas da filantropia, é preciso que tenham condições de assumir o protagonismo e dividir as deliberações (Nada sobre nós, sem nós).**
- 4. Nos processos de desenho das estratégias de promoção da equidade e diversidade raciais na filantropia deve ser elementar ter mais negros e negras à mesa, considerando que o país é formado por 57% de pessoas pretas e pardas.**
- 5. O ISP precisa fomentar o diálogo transnacional entre lideranças do movimento negro com solidariedade e estratégias de cooperação através das fronteiras e de incentivo ao aprofundamento das conexões diaspóricas.**
- 6. Com base no Censo GIFE, o ISP deveria investir em metas de ampliação da base de projetos direcionados à questão racial. Os financiamentos de projetos e organizações periféricas devem ser simplificados, flexíveis e conectados às demandas reais da população negra e seu território, e evitar editais que exigem alto custo humano e institucional das organizações.**
- 7. É preciso investir em comunicação para que o tema da equidade racial ocupe o debate público mais fortemente.**
- 8. É necessário também decodificar a linguagem do ISP para os negros. A linguagem do ISP e do setor privado tem funcionado como barreira de acesso aos negros à estes espaços.**

9. É preciso que o ISP democratize a política de seleção dos projetos em geral com maior presença de lideranças negras nessa governança.

O ISP precisa investir em criar modelos escaláveis e replicáveis de políticas públicas em prol da Equidade Racial e de combate ao racismo.

10. É preciso também investir em monitoramento e avaliação dessas políticas e projetos,

aproveitando as capacidades e acúmulos do setor da filantropia, ampliando também a inserção de pesquisadores e avaliadores negros.

11. É preciso fortalecer a filantropia de promoção da justiça social e humana

e suas estratégias: fortalecimento, articulação, formação, litigância, advocacy, revigoramento do vínculo com o território, etc.